



CURSO BACHARELADO DE PSICOLOGIA

ANDRÉ PEREIRA QUENTAL DE MIRANDA

**A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA E SEU IMPACTO NO
DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

ANDRÉ PEREIRA QUENTAL DE MIRANDA

**A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA E SEU IMPACTO NO
DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Psicologia da Faculdade de Apucarana –
FAP, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Giovana Maria Mourinho
Ferreira

ANDRÉ PEREIRA QUENTAL DE MIRANDA

**A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA E SEU IMPACTO NO
DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Psicologia da Faculdade de Apucarana –
FAP, como requisito parcial à obtenção do
título de Bacharel em Psicologia, com nota
final igual a _____, conferida
pela Banca Examinadora formada pelos
professores:

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. ^a Me. Giovana Maria Mourinho
Ferreira

Prof. ^o Me. Eduardo de Souza Hashimoto

Prof. ^a Rafaela Cristine Merli

Apucarana, ____ de _____ de 2025

A REPRESENTAÇÃO DO AUTISMO NA MÍDIA E SEU IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO DAS PESSOAS DIAGNOSTICADAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

MIRANDA, A. P. Q.

FERREIRA, G. M. M.

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento. Seu diagnóstico é regido pelo DSM-5-TR (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais) e pela CID-11 (Classificação Internacional de Doenças), que considera três níveis de suporte. Este artigo analisa, através de uma revisão bibliográfica, os impactos no desenvolvimento social e psicológico de indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista que a representação do TEA nas mídias traz. O objetivo principal foi identificar e analisar os impactos que a representação midiática tem no desenvolvimento das crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista. Para isso, o trabalho se iniciou pela conceituação e pelo diagnóstico do TEA; em seguida pela conceituação da mídia que pretendeu ser abordada, até chegar nos impactos que a representação midiática do TEA traz no desenvolvimento social e psicológico desses indivíduos. A metodologia utilizada neste trabalho se deu por meio de uma revisão bibliográfica integrativa, e se baseou em uma pesquisa de base qualitativa. Este estudo analisou como a mídia pode impactar a percepção do Transtorno do Espectro Autista (TEA), trazendo benefícios à conscientização e promovendo o diagnóstico precoce, mas também riscos de estigmas. Conclui-se que representações autênticas e respeitosas favorecem a inclusão e a autoestima das pessoas com TEA.

Palavras-chave: TEA. Estigma e TEA. Estereótipo no TEA. Desenvolvimento Social no Autismo. Mídias.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder, and its diagnosis is guided by the DSM-5-TR (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) and by the ICD-11 (International Classification of Diseases), which considers three levels of support. This article analyzes, through a literature review, the impacts on the social and psychological development of individuals diagnosed with Autism Spectrum Disorder brought about by the representation of ASD in the media. The main objective was to identify and analyze the impacts that media representation has on the development of children diagnosed with Autism Spectrum Disorder. To this end, the study began with the conceptualization and diagnosis of ASD, followed by the conceptualization of the

media to be addressed, leading to the impacts that representation has on the social and psychological development of these individuals. The methodology used in this study was an integrative literature review, based on qualitative research. This study analyzed how media can influence the perception of Autism Spectrum Disorder (ASD), bringing benefits such as raising awareness and promoting early diagnosis, but also risks of stigmatization. It is concluded that authentic and respectful representations favor inclusion and self-esteem of people with ASD.

Keywords: ASD. Stigma and ASD. Stereotype in ASD. Social Development in Autism. Media

INTRODUÇÃO

A mídia utilizada neste trabalho, diz respeito à alguns meios de comunicação, como séries, filmes, jornais e um podcast. A análise de literaturas que abordam a representatividade do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas mídias citadas possibilita a investigação de como a temática é abordada. Atualmente, é possível encontrar muitas séries e filmes que têm personagens TEA como principais, porém, a análise deste trabalho se dará por meio de uma análise bibliográfica da literatura de artigos científicos, e livros sobre o tema, para investigar como elas abordam a inclusão e a representatividade das pessoas com TEA, e como eles podem afetar o contexto onde estão inseridos.

Este trabalho teve como propósito, por meio de uma análise bibliográfica, investigar a forma como o autismo foi representado nas mídias, com o objetivo de identificar e compreender os impactos que essas representações exercem sobre o desenvolvimento das pessoas com esse diagnóstico. A pesquisa se baseou na análise de estudos de diferentes autores que discutem como o Transtorno do Espectro Autista vem sendo retratado na atualidade, e buscou avaliar de que maneira essas representações influenciam o desenvolvimento social e psicológico das pessoas autistas e de seus familiares.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), de acordo com Sella e Ribeiro (2024), é uma condição do neurodesenvolvimento que pode envolver atrasos e comprometimentos na linguagem e interação social. A caracterização como consta no DSM-5-TR diz que este transtorno pode aparecer com déficits na comunicação, nas interações sociais e comportamentos caracterizados por serem restritos e repetitivos e, em alguns casos, déficits nos comportamentos comunicativos não verbais utilizados nas interações sociais, como

anormalidades no contato visual, ou compreensão e uso de gestos para comunicação (Sella; Ribeiro; 2024).

A escolha do tema foi baseada em experiências individuais, e a partir destas experiências nasceu a curiosidade de saber como era a representação deste transtorno na mídia. A importância do tema: “A representação do autismo na mídia e seu impacto no desenvolvimento das pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma análise bibliográfica.” existe, pelo fato de ser necessário trazer esclarecimento se as representações que hoje acontecem de autistas nas mídias são fiéis à realidade, ou se são baseadas em estigmas e estereótipos.

METODOLOGIA

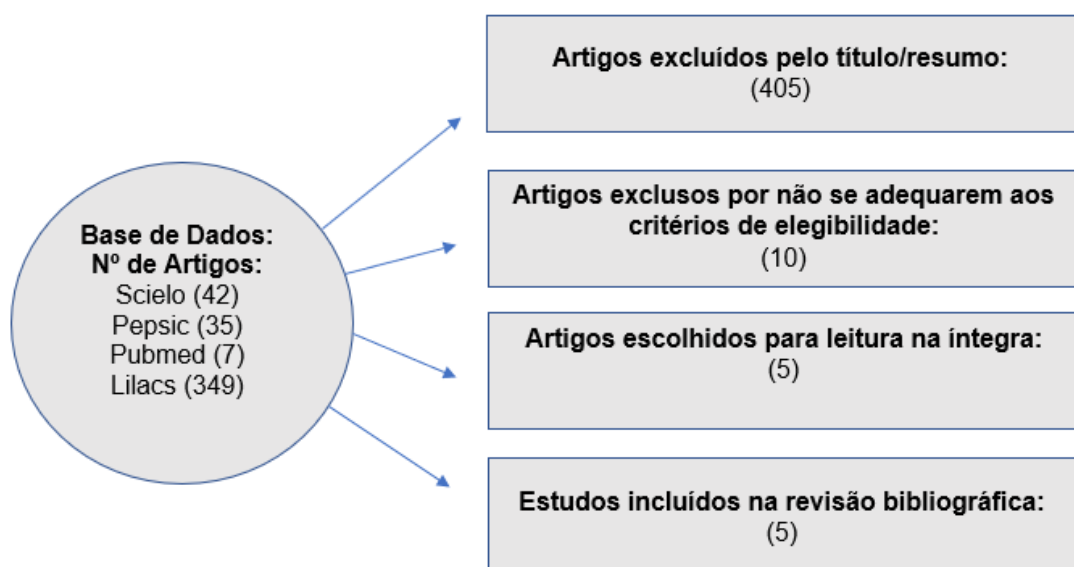
Este estudo foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica de natureza integrativa, cujo foco principal foi a representação do autismo na mídia e seu impacto no desenvolvimento das pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista, sendo uma pesquisa qualitativa. A análise deu ênfase à identificação de padrões, tendências e diferentes perspectivas sobre o tema, interpretando os dados à luz das teorias do behaviorismo radical, com o objetivo de proporcionar uma compreensão mais profunda dos fatores envolvidos. Por fim, os achados foram sintetizados e discutidos para contribuir com o avanço do conhecimento na área (figura 1).

Foi realizada uma revisão integrativa relacionada ao tema que este trabalho procurou abordar. Definiu-se o problema da pesquisa e foram estabelecidos alguns critérios de inclusão e exclusão para delimitar os tipos de estudo que foram incluídos nela. A pesquisa foi feita em bases de dados pré selecionadas. A seleção dos estudos foi feita através da leitura dos títulos e resumos em forma de triagem, para garantir a qualidade metodológica dos estudos, e ao fim foram analisados e sintetizados os resultados para que fosse possível a apresentação dos dados.

Para a coleta das informações, foi realizada uma busca por estudos primários relacionados ao tema em periódicos brasileiros publicados entre 2015 e 2025. As publicações foram selecionadas a partir de consultas nos bancos de dados da Biblioteca Virtual SciELO (Scientific Electronic Library Online), Pepsic,

Pubmed e Lilacs. Foram excluídas produções científicas com idioma diferente do português - BR, produções que não tivessem relação com o tema da pesquisa, ou que tiveram informações insuficientes para a análise das informações necessárias para compor esta pesquisa. A realização da análise das informações aconteceu por meio da junção dos resultados encontrados, através das buscas feitas por meio das palavras-chave: “TEA”, “Estigma”, “Estereótipo”, “Mídias”, e “Desenvolvimento social no autismo”.

Figura 1 – Procedimentos de coleta de dados



Fonte: elaboração do próprio autor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise e discussão dos dados foi realizada a partir da leitura dos estudos selecionados na revisão bibliográfica, com o objetivo de identificar os principais pontos de convergência e divergência entre os autores sobre a representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas mídias. Foram examinados artigos e pesquisas que tratam do aumento da visibilidade do autismo em diferentes mídias e das consequências dessa exposição para o desenvolvimento psicológico e social de pessoas com TEA (quadro 1). A análise

considerou de que forma meios como jornais, filmes, séries e podcasts retratam o autismo e avaliou se tais representações contribuem para a conscientização e o diagnóstico precoce ou se reforçam estigmas e estereótipos. A discussão integrou os achados teóricos e destacou a importância da mídia como agente mediador na construção social da imagem do autismo, e buscou evidenciar tanto seus aspectos positivos quanto os riscos de representações inadequadas.

Quadro 1 – Estudos selecionados para a revisão bibliográfica

Título	Autores	Ano	Local	Tipo de estudo	Objetivos
Fatores Socioculturais Como Potencializadores Das Amizades de Crianças com Autismo.	VALLE, C. S.; MIETTO, G.	2024	Brasília - DF	Relato de caso.	Discutir como a mediação do outro em ambiente escolar pode favorecer, ou não, o desenvolvimento e manutenção de amizades de crianças com autismo.
A Questão Diagnóstica e Sua Implicação na Epidemia Autística.	BRACKS, M.; CALAZANS, R.	2018	Rio de Janeiro - RJ	Estudo transversal e correlacional.	Apresentar um debate acerca da questão diagnóstica do autismo e sua implicação na suposta epidemia de autismo.
Da Invisibilidade à Epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira.	RIOS, C. et al.	2015	Botucatu - SP	Estudo transversal e correlacional.	Analisar notícias e matérias sobre autismo e autistas em quatro veículos da mídia impressa, aqui consideradas como “fragmentos desconexos de sentido”.
Diagnóstico de Autismo no Século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas.	FERNANDES, C. S.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, V. R.	2020	São Paulo - SP	Pesquisa documental.	Analisar a evolução do diagnóstico do autismo no século XXI, a partir dos domínios e subdomínios em que se baseiam as categorizações nosológicas.

Jovens Autistas e suas Representações nas Mídias Sociais: uma análise a partir dos estudos culturais.	SILVA, E. B.	2025	São José dos Pinhais - PR	Estudo transversal e correlacional.	Apresentar uma análise sobre a representação de Jovens Autista nas mídias sociais, especificamente as narrativas de um Podcast feito por autistas, que discutem suas próprias vivências em torno no Transtorno do Espectro Autista (TEA).
---	--------------	------	---------------------------	-------------------------------------	---

Fonte: elaboração do próprio autor.

Desenvolvimento psicológico de indivíduos diagnosticados com TEA.

De acordo com Sella e Ribeiro (2024), o Transtorno do Espectro Autista é avaliado em três níveis de suporte; no nível 1 de suporte, o comprometimento pode ser visto no quesito inflexibilidade de comportamentos, no nível 2 de suporte o apoio passa a ser substancial, pois além da inflexibilidade, há agora a presença de comportamentos restritos/repetitivos e déficits graves nas habilidades de comunicação social, tanto verbal quanto não verbal e por fim, no nível 3 de suporte, o apoio passa a ser dito como muito substancial, pois engloba tudo o que já foi dito com mais intensidade. Por fim, o diagnóstico, para ser mais eficaz, deve ser dado a partir da apresentação de dois critérios, consistindo em déficits na comunicação e déficits nos comportamentos sociais, e a partir deles é que a análise poderá ser feita (Sella; Ribeiro, 2024).

Skinner (2000) *apud* Oliveira (2017) fala sobre reforço social, que para ele, o reforço social consiste em estímulos como atenção, elogios, sorrisos, abraços ou gestos, que atuam como reforçadores positivos ao elevar a chance de repetição comportamental mediante recompensas inerentes às interações humanas, e explica que o autoconhecimento não é um processo individual do indivíduo, mas sim algo que o indivíduo desenvolve através do contato com a comunidade verbal a qual ele pertence, que nada mais é do que a interação com o grupo de pessoas com quem o indivíduo interage linguisticamente, e Oliveira (2017) complementa dizendo que, para Skinner (2000), a origem do autoconhecimento vem do reforço social a que o indivíduo é acometido sendo

estimulado e reforçado pelas comunidades verbais quando descreve seus comportamentos e as contingências que estão envolvidas.

Grande parte do desenvolvimento psicológico e psicossocial de crianças em geral deve-se à autoestima, e Branden (1994) *apud* Felicissimo *et al.* (2013) expõe que todas as pessoas possuem autoestima e sua importância se dá pelo fato de que ela é o motivo de cada indivíduo reagir da forma como reage frente a algum acontecimento. De acordo com Souza (2020):

A importância de nos vermos sendo representados por uma única pessoa ou um grupo na mídia, causa em nossas características, sejam elas físicas, comportamentais ou socioculturais, um afeto maior. E sentir-se pertencente a um grupo facilita a troca de experiências, impressões e sentimentos, transformando a convivência de indivíduos numa sociedade mais harmônica e respeitosa (Souza, 2020, p. 30).

Assim como Souza (2020) afirma, a representatividade traz nas pessoas um sentimento de pertencimento a um grupo. Conforme Gaspula (2024), para as pessoas diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista não é diferente, pois o senso de pertencimento é crucial para o bem-estar e com isso uma melhora na autoestima.

Representação do Transtorno do Espectro Autista na mídia.

Freire Filho (2004), sobre sua concepção de representação, expôs que o conceito também se refere ao uso de diferentes sistemas de significação, como textos, imagens e sons, para representar ou falar sobre determinados grupos sociais no contexto simbólico das artes e das indústrias culturais, que de acordo com Freire Filho (2004), as indústrias culturais constituem mecanismos de produção e distribuição cultural em grande escala, movidos pela lógica comercial, os quais convertem bens simbólicos em produtos uniformizados destinados ao consumo em massa, e sendo assim é possível compreender que quando alguma série ou filme apresenta algum personagem que tenha o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, ela estará por meio daquela “mídia” realizando um tipo de representação do grupo de indivíduos que englobam o TEA, pois fará a função de “falar por” ou “falar sobre”.

as indústrias culturais constituem mecanismos de produção e distribuição cultural em grande escala, movidos pela lógica comercial, os quais convertem bens simbólicos em produtos uniformizados destinados ao consumo em massa.

Compreende-se que, através das representações nas mídias, sejam elas por meio de: séries, filmes, novelas ou qualquer outra forma de transmitir cultura, é que os indivíduos vão conseguir se encontrar, e assim, conseguir responder às perguntas propostas por Silva, Hall e Woodward (2003), que trouxeram questões muito importantes para o tema “representação” em seu livro *“Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais”*:

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem sou eu? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (Silva; Hall; Woodward, 2003, p. 18).

Alexandre (2001) ao falar sobre a representação nas mídias aponta que na sociedade atual, a produção e disseminação de informações dependem fortemente das indústrias de mídia, cujas empresas exercem papel crucial na formação do indivíduo moderno. Nesse sentido, Silva (2025) explica que falar sobre o TEA abarca falar sobre respeito e compreensão, e é preciso entender sobre sua complexidade, não devendo se pensar apenas no contexto clínico, mas de forma vasta, falando de indivíduos sociais e de direitos, mencionando o podcast *“Introvertendo”*, e que nele são pessoas diagnosticadas com TEA que falam sobre o transtorno, de forma leve e descontraída, o que é benéfico para a comunidade TEA, visto que trabalham temas como inclusão e representatividade, de forma inclusiva e representativa.

Henz *et al.* (2025) expõem que a representatividade que o Transtorno do Espectro Autista recebe nas mídias televisivas, através de séries e filmes, pode vir a ser essencial no desenvolvimento psicológico e social de uma criança diagnosticada com TEA, mas se, por acaso, a representação não for feita da maneira ideal, pode atrapalhar o desenvolvimento da criança e fomentar estereótipos negativos. Diante disso, a ideia de se colocar um personagem diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista em uma série deve ser de transmitir representatividade. Sá (2022) traz informações sobre a inclusão de

peessoas atípicas para representarem personagens atípicos e como isso afeta a representatividade de indivíduos diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista:

A escalção de atores típicos para papéis atípicos reforça uma série de desigualdades, segundo apontam autistas ativistas. Uma delas é a desigualdade existente no mercado de trabalho. Atualmente, estima-se que 85% dos autistas com diploma universitário estão desempregados. A contratação de um ator autista ajuda a combater essa exclusão. (Sá, 2022).

De acordo com Sá (2022), o termo “*cripface*” é utilizado para se referir a situações em que indivíduos típicos assumem papéis de personagens atípicos, e Gomes (2023) fez uma análise da série “*Uma Advogada Extraordinária*” e explicou que a prática do cripface aconteceu na produção dessa série, em que a atriz principal, que faz a advogada que têm o diagnóstico de TEA, é uma atriz típica, o que configura *cripface*, Gomes (2023) afirma que, mesmo acontecendo essa prática, a série pelo menos consegue representar sem cair em estereótipos, e ainda conseguem abordar temas além do diagnóstico, como discriminação e preconceitos que os indivíduos TEA sofrem.

Sobre a ideia de a representação do autismo muitas vezes acontecer de forma estereotipada, Bracks e Calazan (2018) apoiam a ideia de Rios *et al.* (2015), no quesito importância que a mídia tem na vida de pessoas autistas, e expõem que, para as mídias, as narrativas sobre o autismo e as diferentes formas de abordá-lo revelam um interesse em expandir o mercado relacionado às patologias, o que possibilita o desenvolvimento de novos medicamentos e serviços.

Benefícios e prejuízos da representação midiática para pessoas diagnosticadas com TEA.

De acordo com Rios *et al.* (2015), o TEA ganhou maior repercussão na mídia brasileira e, com isso, pais e cuidadores podem reconhecer comportamentos atípicos em seus filhos, e assim podem buscar um profissional capacitado para fazer um diagnóstico precoce, que de acordo com Sella e

Ribeiro (2024), já pode ser feito em crianças muito novas, que estão entre 18 e 24 meses de idade, contudo as intervenções precoces costumam ser iniciadas aos 3 anos de idade, o que apontam ser de grande importância no desenvolvimento da criança que possua o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista.

Um dos benefícios que a representação do Transtorno do Espectro Autista nas mídias traz é a conscientização do transtorno, e a sua divulgação pode ser muito importante para incitar famílias a buscarem intervenções precoces de suas crianças, assim como Malheiros *et al.* (2017) expõem que crianças diagnosticadas com TEA não estão suscetíveis a trocas sociais contínuas com outras crianças ou adultos, desse modo através de programas de intervenção precoce, vão sugerir meios e estratégias para auxiliar essas crianças a desenvolver competências sócio-emocionais e educativas, e irão ensinar a importância de incentivar e valorizar as iniciativas da criança, orientando pais e parceiros a compreender seus sinais, manter interações, inserir rotinas sensoriais e promover o desenvolvimento da linguagem.

O que pode ser prejudicial à comunidade TEA é a forma como alguns canais informativos transmitem suas informações, Salvador (2019) explica que, a depender de como a informação for passada, ela pode ser mal interpretada, e cita a revista “Ler & Saber”, que traz informações de como identificar o transtorno. A autora explica que essa forma de divulgação pode ser prejudicial tanto para a comunidade TEA quanto para familiares, professores e profissionais de diferentes áreas, e ainda para a concepção social sobre o TEA, devendo-se tomar cuidado, pois pode fazer com que as pessoas acreditem que elas sozinhas e sem conhecimento especializado tem a capacidade de identificar se um indivíduo tem o transtorno.

Silva (2025) destaca que a mídia, frequentemente, retrata o autismo de maneira estereotipada e limitada, distorcendo a realidade vivida por pessoas autistas, especialmente jovens, e expõe que, em alguns casos, pessoas típicas pegam o papel para interpretar pessoas autistas, e cita o podcast “*Introvertendo*”, um veículo midiático muito importante para a comunidade autista por ser composto por jovens autistas da Universidade Federal de Goiás. Em um de seus episódios falam sobre a ideia de se ter “muitos autismos”, enfatizando que cada pessoa que possui o diagnóstico é singular e, por isso, as representações

mediáticas precisam ser cuidadosas para garantir que informações erradas não sejam perpetuadas para o público que, muitas vezes, pouco sabe sobre o transtorno, pois pode acabar por prejudicar a vida social das pessoas autistas. Valle e Mietto (2024) explicam que a amizade é uma dimensão complexa e vital para o desenvolvimento biopsicossocial de crianças com autismo, e complementam que, a mediação social, mais precisamente a interação com outras pessoas, desempenha papel essencial na transformação das funções psicológicas e na formação de relações sociais, como a amizade, que é algo que Silva (2025) fez questão de expressar, sobre o perigo de uma má representação do autismo nas mídias “atrapalhar” a vida social de pessoas autistas.

Por isso é importante que mais estudos sobre o tema autismo sejam desenvolvidos, pois através desses estudos a visão sobre o TEA muda de forma positiva, é o que afirma Fernandes, Tomazelli e Girianelli (2020), ao explicarem que, até os anos 1970, o autismo era associado à esquizofrenia infantil e, apenas no ano de 1980, a partir do DSM-III, é que recebeu a definição de “Transtorno Autista” e já alocado dentro dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (TID).

CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo principal identificar e analisar os impactos que a representação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas mídias exerce no desenvolvimento psicológico e social das pessoas diagnosticadas com este transtorno. Com esse propósito, foram definidos objetivos específicos que contemplaram a discussão sobre as formas de representação do TEA nas mídias, a influência dessa representatividade no desenvolvimento psicológico dos indivíduos e a avaliação dos benefícios e prejuízos que essa representação pode provocar.

Os principais resultados indicam que a mídia tem um papel crucial na visibilidade e conscientização acerca do TEA, podendo contribuir positivamente para o diagnóstico precoce e para a divulgação de informações que auxiliem na inclusão social. Entretanto, também foi constatado que a representação mediada pode reproduzir estereótipos e estigmas, o que pode ser prejudicial ao

desenvolvimento das pessoas com TEA, gerando equívocos e reforçando preconceitos. A pesquisa apontou a necessidade de uma abordagem mais cuidadosa e autêntica, preferencialmente com a participação de pessoas atípicas na produção dessas representações.

Com a finalidade de garantir que pessoas autistas sejam representadas de forma real, humana e com suas singularidades, uma possibilidade de atuação e contribuição a isso seria a presença de um psicólogo, através de uma Psicologia para além da clínica, realizando uma consultoria no corpo de produção do filme, série ou qualquer meio midiático em que o tema seja autismo. Como consultor, o psicólogo pode orientar sobre características reais do transtorno, comportamentos autênticos e explicar sobre os diferentes níveis de espectro, para que o roteiro e a direção reflitam uma vivência verdadeira, e assim evitar representações exageradas ou capacitistas.

Este estudo se limitou a uma análise bibliográfica, por meio da qual foi possível constatar a escassez de materiais que abordem, de forma específica, o tema proposto nesta pesquisa, o que restringe a possibilidade de generalização dos resultados. Ainda assim, com base nas observações e análises realizadas, compreende-se que são necessários novos estudos na área, a fim de contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais consciente e acolhedora. Entretanto, há aspectos positivos, uma vez que, embora muitas representações do autismo ainda se mantenham estereotipadas, foi possível observar um avanço significativo em determinados aspectos dessas representações, como por exemplo o aumento da visibilidade que o transtorno recebeu contribui para que a sociedade reconheça a presença de pessoas autistas em diferentes espaços sociais, possibilitando sua inclusão ativa e o respeito aos seus direitos e individualidades.

Como contribuição, este trabalho destaca a importância da mídia na construção social do autismo, reforçando que uma representação fiel e respeitosa colabora para uma sociedade mais inclusiva e informada, impactando positivamente o senso de pertencimento e a autoestima das pessoas com TEA. Recomenda-se que futuras pesquisas aprofundem o estudo do efeito dessas representações em diferentes faixas etárias e contextos culturais, além de

investigar estratégias para qualificar a produção midiática, promovendo abordagens mais diversificadas e menos estereotipadas.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Marcos. O Papel da Mídia na Difusão das Representações Sociais. **Comum** – Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001. Disponível em: <https://dialetricas.com/wp-content/uploads/2020/09/opapel-1.pdf>. Acesso em: 20 abril 2025.

BRACKS, M.; CALAZANS, R. A questão diagnóstica e sua implicação na epidemia autística. **Tempo psicanalítico**, v. 50, n. 2, p. 51–76, 2018. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000200004> Acesso em: 31 ago. 2025.

FELICISSIMO, F. B. *et al.* Estigma internalizado e autoestima: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, SP, 15(1), 116-129., jan.-abr. 2013. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v15n1/10.pdf>> Acesso em: 20 maio 2025.

FERNANDES, Conceição Santos; TOMAZELLI, Jeane; GIRIANELLI, Vania Reis. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia Usp**, v. 31, p. e200027, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/4W4CXjDCTH7G7nGXVPk7ShK/?format=html&lang=pt>> Acesso em: 31 ago. 2025

FREIRE FILHO, J. Mídia, Estereótipo e Representação das Minorias. **Revista Eco-Pós**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 45-71, 2004. Disponível em: <file:///D:/User/Downloads/nicholasandueza,+RECOV7N2ART4.pdf>> Acesso em: 11 abril 2025.

GASPULA, R. V. Sentimento de Pertencimento: como desenvolver isso em crianças. **Psicólogos São Paulo**. 2024. Disponível em: <https://www.psicologossaopaulo.com.br/blog/sentimento-de-pertencimento-desenvolver-nas-criancas/>> Acesso: 11 abril 2025.

GOMES, J. C. S. **A Representatividade de Pessoas com o Transtorno do Espectro Autista no Audiovisual**: uma análise na série “uma advogada extraordinária”. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <https://epsiv.phlnet.com.br/beb/textocompleto/mfn21748.pdf>> Acesso em: 11 abril 2025.

HENZ, A. *et al.* Representação do Autismo na Mídia: Revisão Integrativa sobre Autenticidade e Percepção Pública. **Inova Saúde**, Criciúma – SC, v. 15, n. 3, p. 132-151, 2025. Disponível em:

<<https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/Inovasaude/article/view/9116>>
Acesso em: 26 set. 2025.

MALHEIROS, G. C. *et al.* Benefícios da Intervenção Precoce na Criança Autista. **Revista Científica Da Faculdade De Medicina De Campos**, v. 12, n. 1, p. 36-44, 2017. Disponível em: <<https://revista.fmc.br/ojs/index.php/RCFMC/article/view/121/143>> Acesso em: 26 set. 2025.

OLIVEIRA, B. F. Autoconhecimento: Contribuições para o Repertório Comportamental. **IBAC Instituto Brasileiro de Análise do Comportamento**, Brasília, nov. 2017. Disponível em: <https://ibac.com.br/wpcontent/uploads/2018/02/Bianca-Franco_Monografia_FINAL.pdf> Acesso em: 11 abril 2025.

RIOS, C. *et al.* Da invisibilidade à epidemia: a construção narrativa do autismo na mídia impressa brasileira. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 53, p. 325-336, 2015. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/jkNFyTCb3kGM7bxxYRpL37M/?lang=pt>> Acesso em: 11 abril 2025.

SÁ, C. TEA na CID-11: o que muda? **Autismo e Realidade**, jan 2022. Disponível em: <https://autismoerealidade.org.br/2022/01/14/tea-na-cid-11-o-que-muda/> Acesso em: 11 abril 2025.

SALVADOR, L. R. A Representação do Autismo na Mídia: Os Discursos Produzidos. **Repositório Institucional UFSC**, 2019. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/212655/A%20representac%cc%a7a%cc%83o%20do%20autismo%20na%20mi%cc%81dia-%20os%20discursos%20produzidos.%20%282%29.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 5 maio 2025.

SELLA, A. C. RIBEIRO, D. M. Análise do Comportamento Aplicada ao Transtorno do Espectro Autista. 2. ed. Curitiba: **Appris**, 2024.

SILVA, T. T.; HALL, S.; WOODWARD, K. Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis (RJ): **Vozes**, 2003. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://tonaniblog.wordpress.com/wp-content/uploads/2019/03/tomaz-tadeu_identidade-e-diferenc3a7a.pdf> Acesso em: 28 ago. 2025.

SILVA, E. B. Jovens Autistas e Suas Representações nas Mídias Sociais: uma análise a partir dos estudos culturais. **Revista ARACÊ**, São José dos Pinhais – PR, v. 7, n. 4, p. 16236-16261, 2025. Disponível em: <<https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/4260/5691>> Acesso em: 28 ago. 2025.

SOUZA, B. L. L. A importância da representatividade para os grupos minoritários: Uma revolução na construção de identidades. **Repositório Institucional da UFPB**. João Pessoa – PB, 2020. Disponível em: <

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/17617/1/BLLS12062020.pdf>> Acesso: 28 ago. 2025.

VALLE, Camila Sena; MIETTO, Gabriela. Fatores socioculturais como potencializadores das amizades de crianças com autismo. **Revista Psicopedagogia**, v. 41, n. 124, p. 196-209, 2024. Disponível em: <<https://psicopedagogia.emnuvens.com.br/revista/article/view/67/67>> Acesso: 28 ago. 2025.